

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 58 — Domingo, 18 de Julho de 1954

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

NOVIDADE LITERÁRIA

O LIRISMO

NA OBRA DE BERNARDO DE PASSOS

Pelo Dr. Virgílio de Passos

Com um prefácio do eminente académico Dr. Júlio Pintas

AVENGA

VALORES ECONÓMICOS DA PROVÍNCIA A ALFARROBA, SEU EMPREGO E SUA VALORIZAÇÃO INDUSTRIAL

Pelo Dr. A. DE SOUSA PONTES

A HOLANDA é, como a Suíça, o país onde existe melhor montada a indústria de aproveitamento do caroço de alfarroba.

Na cidade holandesa de Zandam, existem instalações fabris para o tratamento da farinha da grãinha de alfarroba, com separação do germen para o fabrico de farinhas para crianças. A Holanda fornece principalmente os Estados Unidos da América do Norte, onde o artigo é utilizado na preparação de cremes gelados.

Numa obra de Química, editada em Estugarda, em 1952, lê-se que a alfarroba contém, além de açúcar, numerosos hidratos de carbono não assimiláveis, de grão molecular elevado (pectina, linhina, celulose e hemicelulose) que têm a propriedade de inchar no intestino, de se ligar aos ácidos, de absorver os tóxicos e de limpar o aparelho digestivo.

Durante a guerra de Espanha, observou-se que a população que ingeriu grandes quantidades de alfarroba sofreu muito pouco de complicações intestinais.

A farinha de grãinha de alfarroba possui virtudes semelhantes. Quase sem valor nutritivo, a circunstância de inchar, suprime a sensação de fome, podendo por isso ser utilizada nas curas de emagrecimento. Por outro lado, alivia a sensação de peso no estômago.

CERCA DE 3.000 hectares de sapais serão irrigados com o aproveitamento da ribeira de Odeleite

DO importante diário da capital «O Século», a quem alguns dos mais importantes problemas desta região têm merecido um particular interesse, o que muito nos apraz registar, transcrevemos, com a devida vénia, a notícia seguinte:

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, 11 — Está muito adiantada a obra de irrigação da campina de Silves, já cortada por quilómetros de canais. Aguarda-se a realização de obra semelhante, em parte estudada e incluída no Plano de Fomento, no Sotavento da província com o aproveitamento da ribeira de Odeleite. Cerca de 3.000 hectares de terra que dão hoje um rendimento muito reduzido serão beneficiados pela projectada obra que consiste na defesa, enlago e irrigação das várzeas do Beliche, junto ao Guadiana, das da ribeira de Tábua e do adocamento dos sapais de Castro Marim e de Vila Real de Santo António e ainda de parte de Alcoutim. Deste modo modificar-se-á fundamentalmente a economia da região, que hoje quase depende exclusivamente dos contingentes recursos do mar. Em vez de pobres cevadas, que é o que se obtém de uma parte dos sapais, conseguem-se-á, com a obra de irrigação, uma valiosa riqueza agrícola e pecuária e, ainda, a fixação de mais de cem famílias, em regime de colonização interna. Assim, será possível recuperar grandes extensões de terreno que são hoje inundadas pela água do rio e que produziram trigo, milho, batata, arroz, etc.

Para dar ideia do que representa esta obra para a economia dos três concelhos, basta dizer-se que, segundo os tratadistas, um hectare de regadio corresponde a 25 hectares de sequeiro. Isto significa que centenas de homens e mulheres que suportam um dos mais baixos níveis económicos do País veriam a situação de precariedade elevada a um apreciável escalão.

Além desta obra, uma parte da qual vai começar dentro de pouco tempo a auferir os proveitos da irrigação da campina de Silves, outra no género está prevista: o aproveitamento das várzeas de Odiáxere, que deve beneficiar uns 1.500 hectares de terras.

O notável estudo do Eng. Agrônomo Fernando da Costa, de 1950, publicado pela Direcção Geral dos Serviços Industriais — *A Alfarroba e a sua Indústria* — e de que nos jornais algarvios não se encontra qualquer referência, o que mais uma vez vem demonstrar, com raras excepções, o pouco interesse que os assuntos económicos merecem à imprensa algarvia — lê-se o seguinte:

«Os produtos primários da transformação industrial da alfarroba, são o triturado e a farinha da polpa de alfarroba, destinados à alimentação do gado.

Da polpa fazem-se, também, farinhas para a indústria farmacêutica; e do epicarpo (pele que reveste a polpa) é possível extrair extractos tanantes, utilizados na indústria de curtumes.

O germen da semente, um sub-produto do fabrico da farinha de

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

O TEATRO E O POVO

Por RUY DE CHELB

UMA das características que mais e melhor põe em evidência o valor mental dum Povo é a tendência deste para o Teatro — tanto uma coisa está na razão directa da outra.

Efectivamente, quando as inclinações do Povo são para o bom teatro, onde se desenvolvem teses humanas, ricas em conceitos e elevadas em pensamentos, pode dizer-se, com propriedade, que a mentalidade colectiva desse Povo atingiu um nível em que já não será viável o estiolamento da sua actividade criadora. Se, contrariamente, as atenções se concentrarem no teatro banal e deletério, em que o mau gosto aparece de mãos dadas com a pornografia, então, esse mesmo

Povo dará a nota mais frizante, mais tristemente acentuada, da nulidade do seu valor, social e humanamente falando.

Enquanto que, no primeiro caso, a consciência colectiva, já de si fortalecida

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

A CAMINHO DE SAGRES MARINHEIROS E PESCADORES

II

Por MARCOS ALGARVE

ACLIMATEI-ME com relativa facilidade à vida do mar. As manobras do «Flor de Maria» deliciavam-me; a pesca da lula e de outras espécies va-

riadas de peixes, despertava em mim o desejo de continuar aquela profissão pitoresca. Além disso, a imagem de minha mãe, sempre benévola para mim, sorriam-me animadoramente.

Uma tarde, ao mergulhar o Sol as suas escamas de ouro, um peixe novo para mim ficou preso ao anzol.

Lesto, sorridente, icei a linha e preparava-me para arrancar o peixe do anzol. Um marinheiro, que ali próximo desfiava um cabo em estopa, gritou-me afluivamente:

— «Não mexa no peixe-aranha... Uma picada desse peixe é terrível!»

E o homem deu um salto para mim. Rapou da faca que trazia à cintura, e cortou a cabeça do peixe.

Rev. JOAQUIM GALHARDO

COMPLETOU-SE, na passada 5.ª feira, o oitavo aniversário do início do múnus pastoral do Rev. Padre Joaquim Humberto Galhardo Palmeira, nesta vila.

Para comemorar o facto, celebrou-se missa de acção de graças na Igreja Matriz, sendo oficiante o Rev. Padre Gomes da Encarnação. O evangelho, o ilustre orador sacro Rev. Dr. Francisco Maria da Silva, proferiu uma brilhante alocução alusiva a tão faustosa data.

Ao Rev. Prior Joaquim Galhardo, que, em oito anos de exemplar sacerdócio como pároco de Vila Real de Santo António, conquistou, merecidamente, a estima, a consideração e o respeito de todos os seus paroquianos, apresentamos cumprimentos de felicitações.

A PRAIA DA MANTA ROTA

QUE TEM ESTADO VOTADA AO ABANDONO

NECESSITA DE SER VALORIZADA

NO início da estação calma, quando as praias começam a animar-se com a sua habitual frequência de banhistas, parecemos absolutamente oportuno chamar a atenção de quem de direito para o estado de abandono em que se encontra a praia da Manta Rota, uma das mais interessantes do litoral algarvio, e que todos os anos é frequentada por famílias do Algarve e do Baixo Alentejo.

Esta praia, que registava todas as épocas uma numerosa frequência, tem-se ressentido, nos últimos anos, do esquecimento a que a votaram todos aqueles que poderiam defendê-la e zelar pelos seus interesses. Outra coisa que, de certo modo, tem contribuído para o seu crescente abandono, são os desastres fatais que ali se têm verificado, embora se tenham passado fora da zona de banhos, sendo muito lamentável que até agora nada se tenha feito no sentido de evitar a sua repetição.

Não está certo que a Manta Rota continue inteiramente desprovida dos meios indispensáveis para assistência aos banhistas. Bom seria que a praia fosse dotada, quanto antes, com um cabo, boias, cintos de salvação, etc. Também não se nos afigura razoável que se continue a manter naquela praia um banheiro que não sabe nadar, e que, por consequência, não pode assistir eficazmente aos banhistas.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

O RISO DA SEMANA



O Borlista...

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

VIAGEM MINISTERIAL AO ALGARVE

O SR. MINISTRO DO INTERIOR

VISITOU O HOSPITAL

DESTA VILA

PROMETENDO INTERESSAR-SE PELOS SEUS PROBLEMAS

DEPOIS de proceder à inauguração do Posto Hospitalar da Vila do Bispo, um dos mais importantes melhoramentos que se têm realizado, nos últimos tempos, naquela localidade, e que se fica a dever à notável acção exercida pelo distinto clínico, sr. Dr. Jaime Fogaça, e de ter estado em S. Brás de Alportel, onde visitou o edifício do antigo Sanatório Vasconcelos Porto, com vista à possibilidade da sua adaptação a um grande sanatório distrital, tendo vi-

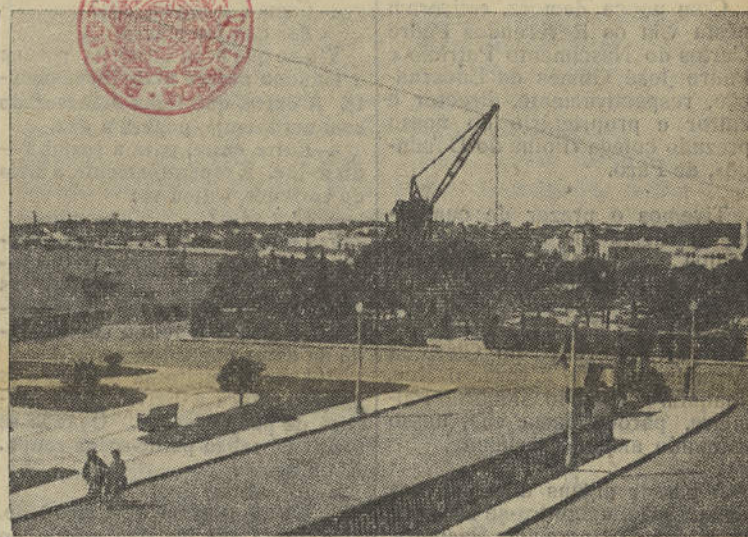
sitado, ainda, os Hospitais de Silves e Loulé, o Monumento a Duarte Pacheco, na mesma vila, as obras do Albergue Distrital e do Comando da P. S. P., em Faro, e o Hospital de Tavira, o sr. Dr. Trigo de Negreiros, ilustre ministro do Interior, visitou Vila Real de Santo António.

Aquele membro do Governo, que se fazia acompanhar dos srs. Dr. Melo e Castro, subsecretário de Estado da Assistência, Dr. Agostinho Pires, director geral da Assistência Pública e antigo governador civil do Algarve, Eng. Mascarenhas Gaivão, chefe do distrito, Eng. Sebastião Ramires, deputado pelo Algarve, e Dr. José Correia do Nascimento, presidente da Junta de Província, foi recebido pelos srs. Dr. Alonso Vasques

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

Dr. Alonso Vasques

Esteve em Lisboa, a tratar de assuntos de grande interesse para o concelho, o sr. Dr. Alonso Vasques, ilustre presidente do nosso Município.



A FEIRA POPULAR DE PORTIMÃO

AMÁLIA RODRIGUES

exibir-se-á nos dias 24 e 25 do corrente

DEPOIS dos simpáticos festejos dos Santos Populares, que tão assinalado êxito obtiveram, Portimão realiza, com não menor êxito, a sua Feira Popular.

A Comissão organizadora destes festivais, cuja receita se destina exclusivamente à construção do novo Hospital, tem sido verdadeiramente infatigável. Além dos nomes mais conhecidos da Rádio, Ranchos folclóricos, Bandas, Marchas, etc., o recinto da feira oferece, constantemente, novas atracções. No passado dia 10, o Rancho Folclórico de Lagos, rico de animação e colorido, obteve um verdadeiro sucesso, com a sua exímia vocalista e o excelente conjunto da sua orquestra típica. No domingo passado, a apresentação da gentil e castiça vedeta Fernanda Peres, teve, também, por parte do público, o melhor acolhimento.

Ontem, sábado, coube a vez à conhecida acordeonista e cançonetista da Emissora Nacional, Graciete de Melo, e hoje exibir-se-ão, no recinto da Feira, «Quatro rapazes, Reis do Ritmo».

E, no propósito de manter sempre vivo o interesse por estes benemerentes festejos, que decorrerão apenas até ao fim deste mês, reserva-se para os próximos dias 24 e 25 uma das maiores atracções, que é constituída pela popularíssima Amália Rodrigues, que disfruta em todo o Algarve, de extraordinária simpatia. Amália Rodrigues, que recentemente actuou em Fa-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

A OBRA DO TURISMO

Pelo Dr. GOELHO DO VALLE

AGORA, que estamos em plena época de verão, quando as férias e o Turismo constituem uma grande preocupação das populações, devemos lembrar a obra que se procura realizar, de molde a proporcionar o máximo conforto e interesse a todos que viagem no nosso País.

De facto, o Turismo, que é indiscutivelmente uma das grandes fontes de receita que pesam no Orçamento dos Estados, é simultaneamente um óptimo factor de propaganda das realidades nacionais, fomentando o gosto por tudo quanto merece ser conhecido e apreciado, cá e lá fora, e estimulando a compreensão entre os povos. As Pousadas do Secretariado Nacional da Informação muito têm contribuído para a sua expansão, e servido de exemplo a novos estabelecimentos, que se vão espalhando por toda a parte, mas essa indústria pode alargar-se ain-

da mais em Portugal, se cada um, e todos, contribuírem para o seu bom gosto, civilidade e apreço.

Com esses fins, há poucos meses, depois de largo

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

MOVIMENTO DO HOSPITAL

MARQUÊS DE POMBAL

no primeiro semestre

do corrente ano

SEGUNDO a nota que nos foi amavelmente fornecida pela Santa Casa da Misericórdia desta vila, o movimento do Hospital da nossa terra, durante o primeiro semestre do corrente ano, foi o seguinte:

Consultas, 832; tratamentos, 2.601; internamentos, 128; internamentos na Maternidade, 71; intervenções cirúrgicas, 175.

O movimento de tratamentos no segundo trimestre (1.791) foi superior ao dobro dos tratamentos registados no 1.º trimestre (810).

Noticias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Encontra-se nas Caldas de Monchique, a fazer a sua habitual cura de águas, o nosso prezado assinante e amigo sr. José Pedro de Sousa Oliva.

Com pouca demora, estiveram nesta vila os Reverendos Padre Carlos do Nascimento Patrício e Padre José Gomes da Encarnação, respectivamente, director e editor e proprietário do nosso prezado colega «Folha do Domingo», de Faro.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila, o sr. Abel António Correia, nosso prezado assinante na Praia da Rocha.

Esteve em Fátima, a fim de tomar parte no retiro do Clero da Arquidiocese de Évora, o Rev. Joaquim Humberto Galhardo Palmeira, pároco desta vila, nosso estimado amigo e assinante.

A passar alguns dias em casa de sua mãe, encontra-se nesta vila, a sr.ª D. Inocência Sequeira, acompanhada de suas gentis filhas.

Já regressou a Olhão, depois de permanecer algum tempo em Lisboa, o sr. Francisco Fernandes Lopes, nosso prezado amigo e distinto colaborador.

Esteve durante alguns dias, na Quinta de Cima, em Cacela, com sua esposa, o nosso prezado amigo e ilustre conterrâneo, sr. Eng. Sebastião Ramirez, deputado pelo Algarve.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila, onde esteve de visita a sua família, o sr. Eng. Rui Ramires Sanches.

Retirou para as Caldas de Monchique, onde se encontra a fazer o seu costumado tratamento de águas, o nosso prezado amigo e assinante, sr. Lino de Oliveira.

De visita a seus pais, esteve nesta vila, tendo já regressado para a sua residência em Albergaria-a Velha, a nossa prezada conterrânea, sr.ª D. Maria Tereza C. Ribeiro Alves Lemos Pinto.

Encontra-se nesta vila, acompanhada de seus filhos, a esposa do nosso prezado assinante e amigo, sr. Alvaro Tenório da Silva Félix.

Regressou da Tunísia-França, onde foi exercer as funções de mestre de «Les Madrugues Tunisiennes», o nosso prezado assinante, sr. João Félix da Silva, acompanhado de sua esposa.

Nascerimentos

Deu à luz uma criança do sexo feminino, no passado dia 15, a esposa do nosso prezado assinante, sr. António Samúdio.

Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

Também no passado dia 16, deu à luz uma criança do sexo masculino, a esposa do nosso prezado assinante, sr. Joaquim Ribeiro.

Mãe e filho encontram-se bem.

Doente

Tem estado doente o nosso prezado amigo e estimado assinante, sr. Dr. José Henrique Santos, distinto clínico em Campo Maior.

Fazemos sinceros votos pelas suas rápidas melhoras.

OS NOSSOS CONTOS

Sopa de Ervilhas

(Para a amiga Isaura Pinto Braz)

ERA meio-dia, mas a escada estava sempre escura e D. Hermínia já via pouco. Aguçava os olhos para distinguir o vulto na escuridão.

— A sr.ª D. Hermínia está? — Sou eu. Quem é? — Venho da parte da sr.ª D. Luzia, a sr.ª D. Luzia disse-me que a sr.ª precisava de uma mulher a dias.

— A sete, o meidia. — Como é o seu meidia? — Até que for preciso... Viu-se que ficou satisfeita, porque a mandou entrar atabalhoadamente.

— Entre, entre, para a cozinha — disse-lhe. E repentinamente, a meio do corredor, voltou-se: — E' a seco?

Fez que sim, com a cabeça. Precisava de levar os sete escudos inteiros para casa. Arregaçou as mangas, enquanto a sr.ª D. Hermínia amontoava a roupa suja ao lado da celha.

— Lave primeiro as toalhas e os lençóis. Faça a lixívia aqui. Escusa de poupar sabão. Quando se ganha no sabão perde-se na roupa.

— Ah, lá isso é. — En é que fazia o serviço todo. Mas desde que me deu aquilo no coração, tive de deixar a celha.

Foi ao aparador, tirou um pequeno tubo de vidro. — Vê isto? Só isto custou quarenta e cinco.

Enquanto levantava o tubo à claridade, reparou na mulher. Tinha uns braços compridos e finos, levemente sardentos.

— A senhora... — Alzira. — A senhora Alzira já almoçou? — Ai já — respondeu sem convicção — Almocei há bocadinho.

A senhora D. Hermínia abriu um papo-seco, espalhou muito bem nas duas faces um bocadinho de manteiga. Na caneca que lhe dera a sobrinha — «Recordação da Figueira da Foz» — deitou café com repetidos e pequenos golpes de açúcar, provando de cada vez.

— Sente-se aqui, senhora Alzira. A senhora Alzira gosta de pão com manteiga? — Gosto, sim, minha senhora.

— E de café? — Também, minha senhora. — Ou quer antes um copo de vinho? — Não senhora, minha senhora. Podia não me cair bem.

Acúcar, café, pão com manteiga. Deixá-lo. A mulher com a barriga vazia ia deixar-lhe tudo mal feito. E ela queria a roupa lavada a sério, branquinha. Do mais não se importava muito, mas a roupa gostava de a pôr lá fora e todos vissem como não poupava sabão.

A senhora Alzira, sentada num mocho, com o cotovelo ossudo apoiado na mesa, comia lentamente, demorando o pão na boca, até o sentir doce. Sugava o café quente com golos ruidosos. Aquele era o instante das confidências, o café quente desoprimia a alma...

— A senhora Alzira é cá de Lisboa? — Não, minha senhora, Sou de Castendo, sabe onde é, é ali para os lados de Viseu. Já lá não vou há uns par de anos.

— Tem filhos? — Tenho dois, um menino e uma menina. A menina ainda é pequenina, quando vou trabalhar nca lá com a dona da casa. O menino vai à tarde para a escola da tapada. Anda na segunda classe. E' esportinho, mas a senhora professora diz que ora sabe, ora se esquece de tudo...

— E se calhar o pai não quer saber deles. — E' um bebedolas. Tem ós dias que não vem a casa.

— Então, por onde anda ele? — Eu sei? Anda por onde lhe apetece. E ainda por cima... A senhora vê isto aqui? Foi dum soco que me deu.

A senhora D. Hermínia balançava o corpo, repetindo vezes sem conto «ai, ai estes homens!» Depois virou-se para a janela, a senhora Alzira viu-lhe os olhos ficarem vidrados, depois cobrirem-se de uma névoa mais espessa, depois desfizerem-se em lágrimas.

— E eu que tive um santo, eu que tive um homem que era um homem, que me punha no altar, um homem que não me deu um desgosto. E eu que fiquei sem ele...

Reparou que a mulher esvaziara o copo. Limpou os olhos ao avental, respirou fundo.

— E' a vida. Bem, senhora Alzira, quando acabar os lençóis e as toalhas, meta estas camisas brancas. A de cor vai para o fim.

— Então eu não sei, minha senhora.

A claridade, saltando pela pequena janela que dava para os quintais, iluminava em cheio a cara da senhora Alzira. Era um rosto pequeno, irregular. Enquanto os dedos torciam a roupa, a expressão mantinha-se inalterável, nada no rosto lhe bulia, como se a alma achasse melhor nada ter a ver com aquilo.

A boca era miuda, de lábios descolorados e finos, sempre fechados. A pele descia branca da testa, ia ficando terrosa e lúgubre quando depois de vencer o osso repontado, caía sobre os queixos. Uns olhos baços davam a luz mortiça das velas de sebo. Caíam sobre eles fiapos de cabelo de cor indefinida.

— Não faça a lixívia muito forte, senhora Alzira. Vale mais acamar bem a roupa no alguardar. Isso. Agora comece com a de cor.

Quando a senhora D. Hermínia saía, pousava as mãos nos rebordos da celha, a descansar da pontada nas costas. Olhava em torno de si, para espaziecer. A cozinha era pequena e francamente iluminada. Dentro do armário viam-se garrafas vazias, muitas garrafas vazias. Um galheteiro escalavrado, só com a almotolia do azeite e o frasco da pimenta. Na mesinha baixa, um punhado de ervilhas dispersas, duas cenouras. Um tacho de alumínio, no fogareiro de carvão, chovia doridamente. «Vai fazer sopa. Sopa de ervilhas. Talvez fizesse mal a seco. Agora não há remédio. A cenoura deve dar bom gosto.»

— A sr.ª D. Hermínia agora que quer que eu faça? — Agora? Agora, o melhor é esfregar as escadas. Deixe ficar a roupa que amanhã passo-a por água e estendo-a. Está ali o balde e a escova. E o sabão? Olhe, ali, em cima do jornal.

Sentou-se à mesinha baixa, a abrir as ervilhas.

— Todas cochias. Caras e não prestam. E' melhor levar a tábua para os joelhos. Não demore muito tempo, não, senhora Alzira. Ainda temos de ir aos quartos.

Deixou-a encostar a porta, depois tirou as ervilhas do regaço e foi espreitar ao ralo. Tinha começado o patamar. De vez em quando levava a mão às costas e respirava fundo. Voltou para a cozinha, ergueu uma peça de roupa que voltou a acamar. Era uma sorte encontrar uma mulher a sete escudos. E desembaraçada. Parecia franzina, mas tinha alma, tinha coragem.

A senhora Alzira veio despejar o balde e encher novamente.

— Poupe a água, senhora Alzira. Neste mês contou três metros.

A mulher assoou-se às costas da mão. Agora tinha a cara vermelha — duas nódoas de vinho aguado num pano sujo...

Terminou cedo as escadas. No rés do chão, de onde não podia ser vista pelo ralo, encostou-se à parede, sem largar a peça do balde. Dentro do balde, a água estremecia ao compasso do coração.

— Ficou tudo bem, senhora Alzira, veja lá, não quero ouvir falas. — Teja descansada. Ficaram amarelinhas que metem raiva.

— Comece o corredor. Cresceu sabão? — Este bocado. Ainda dá.

— Venha aqui tirar a máquina que estorva. Tive ontem a costureira... Segure aí, aí do lado da cabeça. A mala deixe estar. Depois se arrasta. Comece de acolá, ao pé do bengaleiro.

Não deve haver no mundo nada tão bom como uma sopa de ervilhas. O caldinho fica verde, quando se esmagam. Mas inteiras e rijinhas, com dois bagninhos de arroz! A cenoura deve dar muita graça, cortada aos bocadinhos, ou mesmo pisada. Pisada é melhor, engrossa e fica doce. Se fosse possível fazer uma sopa só, só, só, de ervilhas? Mas com umas folhinhas de couve também é bom, para desenfatiar. As ervilhas inteiras têm a vantagem de se sentirem nos dentes, até podemos brincar com elas na boca antes de as engolir. Ou deixam-se para o fim e comem-se uma de cada vez, primeiro as mais pequenas, depois as maiores. De qualquer forma, é preciso uma pessoa ser dema-

siado tola para não gostar de sopa de ervilha.

— A senhora falou pra mim? — Estava a dizer... — A senhora desculpe, com o barulho da escova... — Estava a dizer que visse bem as frinchas.

— Ai, eu sei. Não escapa nenhuma.

A luz aguada da tarde chegava com esforço a meio do corredor. A senhora Alzira deixara de sentir o cansaço, e só para espremer o pano no balde a coragem lhe faltava e ficava uns instantes com as mãos espalmadas no soalho.

Quando chegou à porta da cozinha, a sr.ª D. Hermínia levantava a tampa da caçarola. Ia provar o caldo. Ficou toda olhos, a vê-la meter a colher, dar duas voltas, bater com o cabo da colher na beira da caçarola, mergulhar novamente, sorver com ruído.

— E agora? — Agora? — Deu mais duas voltas com a colher, pousou a tampa, deixando uma abertura para o vapor, limpou maquinalmente os dedos ao avental.

— Venha comigo.

A sala era no outro extremo do corredor.

— Tem ali, na cadeira, a escova, o pano e a cera. Sabe fazer isso. — Então não sei.

— E' claro, primeiro varre e sacode o pó e só depois é que espalha a cera. Não se alargue, que ainda na outra semana foi encerada. Eu já volto.

Haverá alguém no mundo que não goste de sopa de ervilhas? Algumas pessoas não gostam de cenoura, especialmente cenoura crua, outras não gostam de favas, mas sopa de ervilhas é diferente. Parece que se não fossem tão caras — quatro escudos o quilo — toda a gente não comeria senão ervilhas. E' preciso ter comido sopa de ervilha ao menos uma vez na vida pra saber como é bom. Quando se esmagam no fundo do prato, deixa muma massa verde agarrada à colher, que depois é preciso arrancar com os dentes. Come-se e fica o gosto na boca. E' claro que o ideal seria fazer uma sopa só, só de ervilhas, em todo o caso uns pedacinhos de cenoura e uns talos de couve não devem ficar nada mal, especialmente se for puré, porque os dentes têm sempre necessidade de trincar alguma coisa. E' por isso que algumas pessoas deixam as ervilhas inteiras. Tem tanta graça estarem escondidas e a colher trazer umas tantas de cada vez! Nunca sabemos se vêm muitas, se vêm poucas, às vezes não vem nenhuma e a colher volta desapontada à procura delas no fundo do prato. Quando comemos só num sítio elas amontoam-se todas no outro lado; então a colher, que é mais esperta, vai raziando o fundo e levanta uma quantidade delas, desprevenidas.

— Pronto, senhora Alzira, o meu filho já chegou, os quartos ficam para a semana.

— Por mim não me importo.

— As horas passam a correr. Também lá têm as crianças à espera...

— Já estão habituadas...

— Olhe, traga a escova e a lata da cera, sim? Ponha-as ali ao canto, isso.

Tira o avental enxarcado e enrola-o. Do quarto ao lado ouve tocar em moedas. A caçarola já está em baixo, na pedra da chaminé. Aproxima-se e ergue a tampa. Pousa-a logo, atabalhoadamente. Recua até apoiar-se na mesa. Ouve, de muito longe, a voz da sr.ª D. Hermínia que a segura pelos braços e a sacode.

— Senhora Alzira, que é que tem? Senhora Alzira, senhora Alzira.

Finalmente, consegue recompor-se. Está alagada em suor.

— Que susto você me pregou! — Não foi nada, minha senhora. Passou-me uma coisa pela vista... Arrochou o dinheiro na mão. Encaminhou-se para a porta. A sr.ª D. Hermínia abriu-lhe a luz da escada.

— Deixe, minha senhora, ainda se vê muito bem.

— Para a semana posso contar consigo?

— Pode, sim. Se a senhora quiser, posso dar-lhe todos os sábados.

— Meidia.

— Sim, meidia.

— Então até sábado.

A escada amarelinha cheirava a fresco.

Maria Manuela Nunes

FESTEJOS POPULARES na Luz de Tavira

REALIZAM-SE hoje, na Casa do Povo desta localidade, por intermédio do seu Centro de Recreio Popular, os seguintes festejos:

Às 18 horas — Corridas de bicicletas, para tiragem de fitas.

Às 20 horas — Luta de tracção à corda, entre uma equipa de casados e outra de solteiros, com 6 elementos cada.

Às 22 horas — No atraente parque da Casa do Povo, iniciar-se-á um baile, abrilhantado pela orquestra «Night and Day», de Faro, com o imitador Idalecio Dias.

A partir das 24 horas, terá lugar um programa de variedades em que actuará a simpática cancionista da E. N. Maria Fernanda Soares.

QUEM PERDEU?

Encontra-se depositada, no Posto da Polícia de Segurança Pública, desta vila, uma caneta de tinta permanente marca «Parker», que será entregue a quem provar pertencer-lhe.

Imposto de Incêndios

Durante o corrente mês de Julho está à cobrança, na Câmara Municipal, o Imposto para o serviço de Incêndios. Passado este prazo, pode-se efectuar o pagamento durante os sessenta dias seguintes, (período das operações preliminares do relaxe) acrescido dos juros de móra, findo os quais se procede ao relaxe.

Falecimentos

Mateus de Oliveira Baptista Com 80 anos, faleceu em Lisboa, o sr. Mateus de Oliveira Baptista, abastado proprietário e industrial, que durante muitos anos foi director da Electro Fabril, desta vila, natural de Tavira.

Deixa viúva a sr.ª D. Maria dos Mártires Xavier da Silva de Oliveira Baptista e era pai da sr.ª D. Maria Teresa de Oliveira Baptista Pereira, casada com o sr. Cap. Alberto Feliciano Marques Pereira, e dos srs. Eng. Fernando de Oliveira Baptista e Augusto de Oliveira Baptista, funcionário público, cunhado da sr.ª D. Augusta Xavier da Silva e Sabbo, e tio do sr. Dr. Luís Augusto da Silva e Sabbo, notário em Faro.

Mário Augusto Pires

No passado dia 5 do corrente, faleceu em Lisboa, onde esteve em tratamento, o nosso prezado amigo sr. Mário Augusto Pires, de 45 anos de idade, natural de Bragança, 3.º oficial da Direcção de Finanças de Portalegre.

O falecido, que exerceu as funções de chefe das secções de Finanças desta vila, S. Brás de Alportel e Alcoutim, deixa viúva a sr.ª D. Maria Julieta Mendes Cipriano Pires, e era pai dos meninos Jorge e António Mendes Cipriano Pires e da menina Maria Margarida M. Cipriano Pires.

As famílias enlutadas, «Notícias do Algarve», endereça sentidas condolências.

RELÓGIOS

O MAIOR SORTIDO As melhores marcas

A MELHOR GARANTIA Os mais baixos preços

RAMOS & MATEUS VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Um verão bem começado? Pode tê-lo, com certeza, só depois de ter comprado uma camisa «Viresa»!!!

Confecções Viresa, L. da

FÁBRICA DE CAMISAS VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António De 9 a 15 de Julho de 1954

TRAINEIRAS

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes entries like Leste 59.820\$00, Liberta 41.705\$00, Infante 37.575\$00, Brisa 36.940\$00, Raulito 31.410\$00, Maria Rosa 26.525\$00, Tufão 26.220\$00, Agadão 24.700\$00, Batinha 24.470\$00, Marisol 24.320\$00, Sam Domingos 22.330\$00, Flor do Sul 20.620\$00, Gracinha 20.020\$00, Arrifana 18.840\$00, Sr.ª da Piedade 16.510\$00, Costa d'Oiro 14.660\$00, Carmela 14.270\$00, Persistente 14.140\$00, Flor do Guadiana 13.720\$00, Praia do Vau 12.830\$00, Janita 12.590\$00, Boreal 11.530\$00, Lola 10.940\$00, Milita 9.530\$00, Farilhão 9.320\$00, Sol 9.100\$00, Lá Rose 8.040\$00, Nice 7.800\$00, Deolinda Rita 7.770\$00, Cristina Leote 7.090\$00, Noroeste 6.995\$00, Levante 6.180\$00, Novo S. José 6.015\$00, Trio 5.800\$00, Mirita 5.460\$00, Portugal VI 5.280\$00, Oca 5.200\$00, Briosas 5.160\$00, Pérola do Guadiana 4.410\$00, Flora 3.840\$00, Pérola de Lagos 3.780\$00, Costa Azul 3.715\$00, Norte 3.120\$00, Carlos Fernando 2.630\$00, Jomanel 2.410\$00, Alvarito 2.360\$00, Maria Benedito 2.340\$00, Borges do Régo 2.180\$00, Oeste 390\$00, Total 672.600\$00

CÊRCOS

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes entries like Amazona 22.785\$00, Portugal I 17.820\$00, Portugal V 6.440\$00, Azevedos 1.820\$00, Novo Machado 1.720\$00, Total 50.585\$00

Atum da costa Algarvia

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes entries like 339 Atuns 317.849\$70, 29 Atuarros 15.174\$90, 1 Albacora 333\$30, 1 Cachorreta 123\$30, Total 333.481\$20

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António de 10 a 16 de Julho:

Table with 2 columns: Ship Name and Details. Includes entries like CONDESA, Espanhol, de 1.306 ton., de Ceuta, com carga em trânsito; GRANDSON, Suíço, de 616 ton., de Tânger, com carga em trânsito; ROLANDSECK, Alemão, de 857 ton., de Cádiz, com carga em trânsito; COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, com adubo; GOLFINHO, Rebocador Português e Batelão PAREDE, de 260 ton., de Setúbal, vazio; STARLING, Inglês, de 1.356 ton., de Bristol e Swansea, com folha de flandres.

Saídas:

Table with 2 columns: Ship Name and Details. Includes entries like TERCEIRENSE, Português, com sal, p.ª Ponta Delgada; CONDESA, Espanhol, com conservas, p.ª Génova; GRANDSON, Suíço, com conservas, p.ª Génova; ROLANDSECK, Alemão, com cortiça, p.ª Hamburgo; COSTEIRO, Português, com minério, p.ª Lisboa; GOLFINHO, Rebocador Português e Batelão PAREDE, com enxófre, p.ª o Porto; STARLING, Inglês, p.ª Cádiz, com carga em trânsito.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 17 a 23 de Julho a Farmácia CARMO, Rua S. João de Brito - Telefone 31.

A ILVSTRADORA LIMITADA

Rua de S. Paulo 232 LISBOA TELEF: 25764

Foto-Zinco TRICROMIA FOTOGRAVURA ZINCO-GRVURA E DESENHO

Advertisement for hernia treatment. Includes image of a man, text 'hérnia', 'O Aplicador em Portugal do MYOPLASTIC - KLÉBER', and 'INSTITUT HERNIAIRE DE LYON'. Mentions 'MYOPLASTIC-KLÉBER' and 'FARMÁCIA SILVA'.

Advertisement for skin diseases treatment. Text: 'DOENÇAS DA PELE SÓ TRÊS DIAS DE TRATAMENTO COM PRODERMA DEPOSITÁRIOS: Drograria Rodrigues da Silva, L.ª COIMBRA'.

Advertisement for Viresa shirts. Text: 'Confecções Viresa, L. da FÁBRICA DE CAMISAS VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO'.

Hóquei em Patins

No passado sábado, dia 10, iniciou-se em Faro, no Parque de Desportos do Sport Lisboa e Faro (Parque Lethes) a disputa da taça «Oliveira e Costa», em que participam 5 dos melhores agrupamentos da modalidade no Algarve.

União Farense, 2 — Académico, 1

União: Mendonça, Eurico, Villar, Ludgero e Maximo.

Académico: Cílio, Ruivo, Campinas, José Luiz, Pescada e Marques.

Aos 2 minutos o União, na marcação de grande penalidade, obteve o primeiro golo tendo terminado o primeiro tempo com o União a vencer, por 1-0.

No segundo tempo o Académico empatou por intermédio de Campinas, com um remate fora da grande área. Aos 15 minutos o União colocou-se novamente em vencedor com um golo de Ludgero, terminando o encontro com a vitória do União, por 2-1.

Destacaram-se pelo União, Mendonça e Villar, pelo Académico, Cílio e Campinas.

Arbitragem com muitos erros.

F.

H. C. Vila Real, 1 — S. L. e Faro, 6

Sob a direcção do sr. Neves Frota, realizou-se o encontro entre as equipas do Sport Lisboa e Faro e do Hóquei Clube Vila Real, que apresentaram as seguintes formações:

S. L. e Faro: Farinha, Braga, Graça, Gonçalves, José Maria e Madeira.

H. C. Vila Real: Munhoz, Salvador, Primitivo, Coelho, Faisca e Rolla.

A partida começou com o S. L. e Faro ao ataque, conseguindo marcar de surpresa aos 2, 3 e 5 minutos, 3 golos de rajada, obtidos, respectivamente, por Graça (2) e Braga.

O H. C. Vila Real, bastante surpreendido, só conseguiu organizar alguns esquemas de jogo para o final da 1.ª parte, permitindo, contudo, que os farenenses marcassem mais dois tentos por intermédio de Gonçalves e José Maria. Ao intervalo S. L. e Faro, 5 — H. C. Vila Real, 0.

No recomeço da partida, os rapazes de Vila Real deram mostras de querer modificar o resultado da partida e aos 22 minutos Faisca obteve o 1.º tento para a sua equipa. No minuto seguinte, José Maria, depois de fintar magnificamente 2 jogadores adversários, atira com êxito, de nada valendo a estirada de Munhoz, que actuou num plano muito inferior ao habitual. Os rapazes de Vila Real não se ressentiram do golo sofrido e até final do encontro mantiveram domínio constante. Se bem que tivessem rematado dezenas de vezes, as redes do Sport Lisboa e Faro não mais foram tocadas, graças ao seu guarda-redes Farinha, que actuou em noite excepcional. Com o resultado de 6-1 terminou pois o encontro.

P.

Classificação Geral

Sport Lisboa e Faro	2 pontos
União Farense	2 »
Académico H. C.	0 »
H. C. Vila Real	0 »
Imortal	0 »

O Imortal de Albufeira, descansou esta jornada.



DESPORTO

Cabrita, disse-nos:

O Algarve já foi uma grande potência em futebol e tornará a sê-lo

TERMINOU a época de futebol.

Encontramo-nos, portanto, no «defeso». Todos os atletas se encontram em pleno descanso para, quando em Setembro voltarem aos campos de futebol, se encontrarem em condições de defender as cores dos seus clubes.

O conhecido algarvio Fernando da Silva Cabrita encontra-se nesta vila de Olhão — terra querida para ele — junto de sua família, e por isso, resolvemos entrevistá-lo, pela primeira vez, para as nossas colunas.

Não há desportista que não conheça Cabrita. Ex-jogador e capitão de equipa do S. C. Olhanense, onde jogou perto de treze anos.

Tendo-se ausentado em 1951, para França, onde representou por duas épocas um grupo da 2.ª Divisão, voltou novamente à Pátria, para jogar no S. C. da Covilhã.

Jogador leal e correcto, com domínio de bola absoluto, forte, Cabrita, sabe, como só ele, executar uma jogada de início ao fim.

Estando Cabrita com a bola nos pés, é sempre um perigo para as balizas adversárias. Presentemente é médio de ataque e com trinta e um anos de idade é um jogador completo.

Cabrita começou por nos dizer: — Quando deixar de jogar sofrirei grande desgosto. Conto presentemente 31 anos, mas creia, estão muito bem poupados e espero jogar ainda mais cinco ou seis épocas. Levo uma vida regrada, em companhia de minha esposa e filhinha, e tenho sempre a melhor das boas vontades em cuidar da minha preparação, o que demonstra que sou um verdadeiro e leal profissional.

— Não pensa sair da Covilhã? — Não... Bem. Quero dizer, não penso, mas... Sinto-me satisfeito no meu clube, porque sou respeitado e acarinhado por todos os colegas, treinador e dirigentes.

— E as suas condições são boas? — Excelentes. Para se ser bom jogador de futebol tem que se ganhar dinheiro para se gastar, claro, pois a nossa preparação, sendo levada a sério é muito cara.

— Acha então que um jogador de futebol tem que ser profissional? — Lógico. Um jogador, sendo amador, não renderá um décimo do seu valor.

— Espera voltar à selecção nacional? — Sem dúvida. Sei o que valho. No entanto, há quem mande, mas tudo farei para lá voltar.

— Pensa em ser treinador? — Referimo-nos ao palácio das Araras, que não tem par em nenhum Zoo europeu, ao reduto dos ursos, com 60 metros de comprimento, rivalizando por sua vez com o que há de melhor; o Castelo das Aguias com a imponência dos seus nove metros de alto e do vôo dos seus habitantes; o terreiro dos azevites e o seu gradeamento dourado; o nicho dos pinguins, de gracioso traçado e movimento.

Em resumo, Lisboa oferece a quem a visita uma atracção que sofre todos os confrontos pela sua rara beleza. E quem vir este ano as Laranjeiras, não esquece o dia de sonho que lá passou...

— Espera voltar à selecção nacional? — Sem dúvida. Sei o que valho. No entanto, há quem mande, mas tudo farei para lá voltar.

TORNEIO POPULAR DE FUTEBOL

O primeiro jogo da 2.ª volta deu-nos os seguintes resultados: Unidos, 4-Sport Lisboa, 2; União, 0-Vasco da Gama, 4; Moncarapacho, 2-Serpa Pinto, 0; Estrela, 4-Cuf, 1.

BASQUETEBOL

Carnide, 52 - Ginásio, 34

Técnicamente o encontro teve alto nível, especialmente da parte dos lisboetas.

Foi disputado com energia, velocidade mas sempre correctamente. Embora o jogo tivesse responsabilidades os jogadores de ambas as equipas conseguiram dominar os nervos. No entanto via-se a equipa lisboeta com mais personalidade e mais confiante nos seus recursos.

Logo no primeiro apito do cronometrista os olhanenses lançaram-se ao ataque.

Contudo, nos primeiros quinze minutos iniciais nada conseguiram, visto o Carnide ter feito um primeiro tempo muito brilhante.

Após o descanso, a turma de Olhão entrou com mais vivacidade e mais sentido de jogo, não parecendo a equipa do 1.º tempo e assim conseguiram marcar muitíssimos pontos, mas nada remediou, porquanto a equipa do Carnide também lançou e foi bastante feliz.

A vitória do Carnide foi merecida, mas a sorte do jogo esteve sempre pelo seu lado. Tem uma excelente equipa. Na equipa do Ginásio todos jogaram muito abaixo das possibilidades, especialmente Fernandes que numa noite desastrosa poucos pontos conseguiu.

A pesar disso, todos os olhanenses lutaram com a mesma vontade e, embora jovens, mostraram apreciável técnica prestigiando o basquetebol do Algarve. O árbitro da partida foi excelente.

Fernando Leitão

Luso, 82 - Olhanenses, 31

A equipa do Clube Desportivo «Os Olhanenses» apurada do Algarve deslocou-se ao Barreiro, onde de frontou no passado sábado a forte equipa do Luso. Como fez parte da equipa algarvia quero dar alguns apontamentos para «Notícias do Algarve».

Perdemos por 82-31 jogando abaixo das possibilidades e sem termos sequer a sorte pelo nosso lado. O resultado com que terminou o encontro é realmente surpreendente, mas diga-se, em abono da verdade, não merecíamos tão pesada derrota, visto termos exibido basquetebol regular no primeiro tempo, conforme prova a marca de 28-15. Logo de início os barreirenses impuzeram a velocidade, uma das principais armas da equipa, aliada a recursos técnicos individuais revelada pelos seus elementos. No entanto não nos inferiorizámos dando replica condigna. A nossa defesa actuou com calma e segurança e os nossos avançados conseguiram encestar alguns pontos de meia distância. No segundo tempo a equipa tinha que ceder, visto ter sido reduzida porque os jogadores Azinheira, Amaro, Teixeira e Serrano foram expulsos por faltas. A arbitragem foi demasiadamente severa no julgamento de faltas aos nossos jogadores.

António Madeira

NOTÍCIAS

O Olhanense reforça-se

Faz hoje oito dias que chegaram a Olhão os conhecidos argentinos Del Duca e Berdejo que vêm defender por mais uma época as cores do Olhanense. Como Santiago não veio o Olhanense recrutou outro argentino de nome Cesar Gomes que foi jogador do Boca Juniores.

Em Agosto começa a preparação

O conhecido chileno Mascaró tem a seu cargo a preparação física e técnica do Olhanense esta época. Os treinos começam em 1 de Agosto.

José Esteves no Algaave

A Federação de Basquetebol no intuito de fazer progredir o basquetebol faz deslocar a Olhão o conhecido e categorizado técnico José Esteves que vem dar algumas palestras e ensinamentos aos jogadores algarvios.

Herouliano Valente

SECCÃO DE CINEMA

POR VITORIANO ROSA

Lágrimas — para quê?

Por muito curioso que pareça, a verdade é que há um certo sector do público para quem um filme é tanto mais bonito, quanto mais puxar a lágrimazinha ao canto do olho. É o caso de «Filhos de ninguém» (italiano) e «Direito de nascer» (mexicano). Ambos causaram grande sucesso e arrancaram grandes exclamações de entusiasmo («vou há muitos anos ao cinema e não me lembro de coisa tão bonita», ou, «eu nunca choro, mas tive de me render», etc.)

Mas quem é este público que fala assim? Sem dúvida, não é exclusivo de uma classe social, pois nele se congregam senhoras «bem», madames da «caridade», ao lado de costureiras de ganga e de viúvas vergadas pelas dificuldades do dia-a-dia, para não falar nos velhos reformados e nos meninos adocicados por músicas em voga... Toda esta gente se comove e chora copiosamente diante do caso do filho que odeia o pai, por engano, é claro, ou do neto que salva o avô, porque estava escrito nas linhas da mão que ele havia de ser um herói. Toda esta gente se comove com estas histórias, tão delgadas da realidade quotidiana, como o sol da noite. E a mesma gente que compra as folhinhas com os versos da criança que nasceu com duas cabeças, é a mesma gente que delira com a Amália. A mesma gente que é incapaz de se debruçar sobre os seus próprios problemas, e menos ainda sobre os problemas do conjunto social de que fazem parte. Lágrimas — para quê? As lágrimas só são úteis quando nos tornam melhores, quando nos permitem reconhecer que somos egoístas por vivermos deligados dos problemas que afligem o mundo e quando nos forçam a compartilhar das mesmas lutas e das mesmas privações, das mesmas alegrias e das mesmas vitórias que o homem alcança na sua caminhada para um mundo melhor.

Fernando Leitão

Luso, 82 - Olhanenses, 31

A equipa do Clube Desportivo «Os Olhanenses» apurada do Algarve deslocou-se ao Barreiro, onde de frontou no passado sábado a forte equipa do Luso. Como fez parte da equipa algarvia quero dar alguns apontamentos para «Notícias do Algarve».

Perdemos por 82-31 jogando abaixo das possibilidades e sem termos sequer a sorte pelo nosso lado. O resultado com que terminou o encontro é realmente surpreendente, mas diga-se, em abono da verdade, não merecíamos tão pesada derrota, visto termos exibido basquetebol regular no primeiro tempo, conforme prova a marca de 28-15. Logo de início os barreirenses impuzeram a velocidade, uma das principais armas da equipa, aliada a recursos técnicos individuais revelada pelos seus elementos. No entanto não nos inferiorizámos dando replica condigna. A nossa defesa actuou com calma e segurança e os nossos avançados conseguiram encestar alguns pontos de meia distância. No segundo tempo a equipa tinha que ceder, visto ter sido reduzida porque os jogadores Azinheira, Amaro, Teixeira e Serrano foram expulsos por faltas. A arbitragem foi demasiadamente severa no julgamento de faltas aos nossos jogadores.

António Madeira

NOTÍCIAS

O Olhanense reforça-se

Faz hoje oito dias que chegaram a Olhão os conhecidos argentinos Del Duca e Berdejo que vêm defender por mais uma época as cores do Olhanense. Como Santiago não veio o Olhanense recrutou outro argentino de nome Cesar Gomes que foi jogador do Boca Juniores.

Em Agosto começa a preparação

O conhecido chileno Mascaró tem a seu cargo a preparação física e técnica do Olhanense esta época. Os treinos começam em 1 de Agosto.

José Esteves no Algaave

A Federação de Basquetebol no intuito de fazer progredir o basquetebol faz deslocar a Olhão o conhecido e categorizado técnico José Esteves que vem dar algumas palestras e ensinamentos aos jogadores algarvios.

Herouliano Valente

ções, mais neo-realista do que todo o cinema italiano desde a última guerra!

Neo-realismo não quer dizer escândalo, no sentido de explorar certas aberrações sexuais ou de obter efeitos estéticos de ambientes sórdidos. Neo-realismo é, antes de mais nada, sinceridade e simplicidade. Nada de grandiloquências dramáticas, com muitas mortes à facada e muitos amores desgostosos, plenos de ciúme e de vingança. Mas um exame consciencioso da nossa vida, sempre no sentido de a melhorar, esclarecendo e vencendo o caminho a seguir.

Novos filmes

Eis uma lista das últimas produções estreadas em Lisboa, dignas de realce:

«Aventuras de Joãozinho», maravilhosos desenhos animados franceses, num filme de longa metragem; «Ela só dança num verão», sueco, de Arne Mattsson; «Gardénia azul», o último de Fritz Lang; «História parisiense», o último de Jacques Becker; e «Eugénia Grandet», adaptação franco-italiana da imortal obra de Balzac.

Cine-Foz

Hoje, pelas 21,30 horas, apresenta a grande epopéia em technicolor *Dragões do Deserto*, com Alan Ladd e Akim Tamiroff. Dentre as lendárias aventuras da Legião Estrangeira Francesa, esta é a mais emocionante. Um heróico capitão empenhado na derrota do Califá Omar-Ben, descobre no deserto do Sahara uma cidade de sonho e uma encantadora princesa.

Espectáculo para indivíduos com mais de 13 anos.

Quinta-feira, 22 de Julho, um programa duplo, *Quando passar a tormenta*, com William Holden e Nancy Olson, num filme realista e vigoroso. A invasão da Itália pelas tropas americanas, com um enredo e grandeza dramática sem igual. O outro grande filme *Tu e só tu*, com Dane Clark e Geraldine Brook, dois seres que o destino reuniu numa hora fatal. Uma história de amor vivida nas densas sombras e labirintos de Nova-Iorque.

Espectáculo para indivíduos com mais de 13 anos.

BOA RESIDÊNCIA

VENDE-SE com todas as comodidades, tendo água canalizada, quarto de banho, com frente de duas portas e quatro janelas.

Informa: Rua João de Deus, 102 — nesta Vila.

Holland-America Line



AGENTES GERAIS
CARLOS GOMES & C.ª L.ª
4, L. VITORINO DAMÁSIO — LISBOA
TELEF. 68087 (3 LINHAS)

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, NEW ORLEANS, MOBILE, Ala., HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

“ANDYK”

carrega em LISBOA em 26 de JULHO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partida de Rotterdam:

« ABBEDYK » — 20 de Julho

CAFÉ COMERCIAL

JÚLIO BAPTISTA MATEUS

Telefone 125

MAGNÍFICAS SANDUÍCHES
SABOROSAS TAPAS
SERVIÇO DE RESTAURANTE
Servem-se celas até às 4 horas da madrugada

Rua Candido dos Reis
Vila Real de Santo António

Vende-se

Um BARCO em bom estado
Modelo WAICLIC
Semelhante ao Snip
MUITO BARATO
Informa a Redacção deste jornal

VENDE-SE

Um CARRO de bebé.
Informa a Redacção deste jornal.

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:
MANUEL DA SILVA DOMINGUES
Avenida da República
— Telefone 12 —

MOTORES MARÍTIMOS, INDUSTRIAIS E ELÉCTRICOS

GRUPOS MOTO-BOMBAS PARA REGAS
ELECTRO BOMBAS PARA REGAS, PARA EXTRAÇÃO DE ÁGUA A TODAS AS PROFUNDIDADES
DRAGAS PARA EXTRAÇÃO DE ÁGUA EM POÇOS PROFUNDOS
FERRO PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL E CHAPA DE FERRO
CANTONEIRAS, TUBAGENS DE FERRO, ETC.
CIMENTO, MANILHAS E SIFÕES EM BARRO
BETONEIRAS, MISTURADORES E TRITURADORES PARA CEREIAIS
Lubrificantes «CASTROL» para todos os fins
Pneus «MICHELIN» Chupadores de borracha e mangueiras
EXTINTORES DE INCÊNDIO, FERRAMENTAS, ETC., ETC.

Para o seu caso consulte sempre a:

Agência Comercial e Marítima do Sul
Telefone 76 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Valores económicos da Província

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

albumen, tem sido utilizado na alimentação de animais, e dele se fazem, também, farinhas industriais.

Suspeitamos mesmo que, em virtude da riqueza em fitina deste constituinte da grainha, ele seja utilizado, algures, para a extração desta droga farmacêutica e também para o fabrico de farinhas alimentícias, destinadas ao consumo humano.

De todos os constituintes do caroço de alfarroba, o mais industrializado é o albumen, donde se extraem produtos para várias indústrias, como a textil, sabões e sabonetes, oleados, tintas, aglomerados, indústria de perfumaria, principalmente cosméticos e cremes, etc.

O tegumento da semente tem também sido utilizado no fabrico de corantes, destinados a tingimento da seda e lã, permitindo a obtenção de lindos tons cor de rosa.

Extraí-se ainda ácido iso-butírico, utilizado na preparação da essência de ananaz.

São importantes as conclusões deste notável estudo, que passamos a enunciar, e comentaremos como segue:

1.ª — O aumento da produção da alfarroba está fazendo-se com intensidade, porque os lavradores algarvios já lhe reconhecem o seu grande valor, crismando-a até de o ouro negro do Algarve.

Não pode, porém, começar tão depressa quanto se desejava o florestamento da serra algarvia, por falta de cadastro geométrico a fazer pelo Instituto Geográfico e Cadastral, o que convém se promova, quanto antes.

2.ª — No Alcube, perto da serra da Arrábida, a sul e oeste de Setúbal, também é possível fazer a cultura da alfarroba.

3.ª — Como parece que o rendimento da alfarroba em grainha depende da variedade, seria aconselhável que os Serviços Agronómicos (nomeadamente os do Posto Agrário de Tavira e da Estação Agronómica Nacional) estudassem quais as variedades que, sob este ponto de vista, conviria expandir no país.

A este respeito devemos informar que soubemos, através da Legação de Itália, em Lisboa, que a Estação de Agricultura de Arcore, na Sicília, tem estudadas 4 variedades de alfarrobeiras, com a seguinte produtividade média em caroços, nos anos de 1951-1952:

Racemosa	10,11 %
Saccarata	9,54 %
Giubiliana	9,14 %
Amele di Bari	7,59 %

Segundo nos declarou a Legação de Itália, esta Estação de Agricultura fica à disposição dos técnicos portugueses que se interessarem pela divulgação das variedades de alfarrobas portadoras de maior quantidade de grainhas, assim como pela produtividade da árvore em fruto.

4.ª — Um kg. de caroços de alfarroba rende 400 grs. de gomas e 200 grs. de farinhas de germen. Um cálculo diz-nos que as 1.522 tons. de grainhas inteiras exportadas em 1953, no valor FOB de 6.137 contos, podiam ter sido valorizadas em mais 3.598 contos, se tivessem sido industrializadas no País. É preciso saber que não estão suficientemente conhecidas nem acreditadas em Portugal as gomas empregadas na indústria textil de algodão, que são adquiridas no estrangeiro — como sucede infelizmente com muitos outros produtos.

Por isso se justifica amplamente que se promova o desenvolvimento técnico das indústrias de transformação da grainha de alfarroba, já instaladas no País, de modo a que esta seja totalmente industrializada e se não desprezem principalmente os subprodutos do fabrico das farinhas industriais, como o tegumento da semente e o seu ambrão.

A. de Sousa Pontes

A viagem Ministerial ao Algarve

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

so Vasques e Matias Barroso Gomes Sanches, respectivamente, presidente e vice-presidente da Câmara Municipal, e Dr. Reinaldo Raul Prazeres, presidente da Comissão Concelhia da União Nacional.

Os visitantes percorreram demoradamente as instalações do Hospital da Misericórdia, tendo o sr. Dr. Alonso Vasques, que desde há longos anos exerce dedicadamente as funções de seu Director Clínico, prestado diversos esclarecimentos ao

A OBRA DO TURISMO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

debate na Assembleia Nacional, caracterizado pela unanimidade de pontos de vista quanto à sua utilidade e oportuna promulgação, foi aprovada a proposta de lei sobre indústria hoteleira, que constitui uma das mais importantes realizações no campo do turismo, visto que, fomentando a actividade a ele mais intimamente ligada, muito contribuirá para o seu desenvolvimento. Mereceu este diploma, e o respectivo parecer da Câmara Corporativa, os mais francos elogios de todos os deputados que a ele se referiram, incidindo a sua discussão, unicamente, na forma de, na sua aplicação, resultarem os maiores benefícios para o País. Assim, foram os problemas da indústria hoteleira largamente tratados nas sessões em que este diploma foi discutido, e deles se ocuparam vários deputados, mostrando a importância do turismo no quadro dos problemas nacionais, e acentuando os benéficos resultados que da nova lei advirão, não só para o Continente, mas também para as Ilhas Adjacentes, pois os

Praia da Manta Rota

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Para estes factos, chamamos a atenção da Capitania do Porto e do Instituto de Socorros a Náufragos, a quem nos permitimos solicitar as providências necessárias.

Entre outras coisas que exigem solução urgente, figuram a sentina, que, desde há anos, se encontra entulhada, oferecendo um aspecto deplorável aos olhos do visitante, e as fundações de uma obra a que chamaram o «Casalinho» — espécie de hospedaria com que se pretendeu dotar a praia — e que, depois de consumir cerca de dezena e meia de contos, emperrou, não se fazendo nada mais no sentido da sua conclusão, ficando a constituir outro espectáculo desolador para quem visita a Manta Rota.

Bom seria que a Junta de Turismo daquela Praia encarasse estes problemas com decisão e boa vontade, pois estamos convencidos de que não será difícil resolvê-los.

Finalmente, como medidas que grandemente influiriam para elevar o número de frequentadores da Manta Rota, apresentamos duas sugestões. A primeira, consistiria no censo de todas as habitações para alugar, feito pela Junta de Turismo, que providenciaria para que as mesmas oferecessem um mínimo de comodidades — ficando, além disso, apta a fornecer informações aos eventuais veraneantes que as solicitassem.

A outra, em aproveitar os importantes melhoramentos que representam as estradas que, com início nas Cevadeiras e no Buraco, servem a Manta Rota, e que poderiam ser utilizadas para um desvio das camionetas — durante a época balnear —, com saída pela Venda Nova, e vice-versa, o que pouco alteraria as carreiras habituais.

Isto resolveria a dificuldade do acesso à Praia, e, como dissemos, contribuiria para elevar consideravelmente a sua frequência.

auxílios através dela concedidos, dão a certeza de que o Governo pretende realmente auxiliar a indústria hoteleira, fomentando o turismo, dando ao País o equipamento necessário para receber com dignidade, e acomodar com conforto, todos aqueles que nos visitam.

Esta lei é bem o coroaamento de muitas outras realizações tendentes a fomentar o Turismo, quer directamente, como com a construção das Pousadas e Postos de Turismo, conselhos e auxílios técnicos e pecuniários à indústria hoteleira, publicações como a Cartilha da Hospedagem, e outros folhetos de propaganda, emissões radiofónicas, colónias de férias, excursões, e outras iniciativas do Secretariado, Emissora e F. N. A. T.; quer indirectamente, com a restauração dos monumentos nacionais, e das nossas riquezas folclóricas, e com a valorização das estâncias turísticas, promovendo obras de fomento como estradas, pontes, caminhos de ferro, portos, aeródromos e outros meios de comunicação, melhoria das comunicações telegráficas, telefónicas e postais, abastecimentos de águas, energia eléctrica e saneamento, etc., que vem melhorar as condições de acesso e proporcionar maior conforto aos visitantes.

Cumpramos que a iniciativa particular continue a saber contribuir para estas medidas com o seu bom gosto, civilidade e apreço para o desenvolvimento do turismo, não só as empresas hoteleiras, e os seus empregados, mas também o comércio em geral! Assim, as empresas devem continuar a seguir os modelos que o Secretariado lhes oferece com as Pousadas, o seu pessoal deve ser asseado e bem educado, e outro tanto diremos das autoridades, funcionários, comerciantes e seus empregados, e população em geral, das estâncias turísticas que assim devem procurar secundar esta importante iniciativa.

Dr. Coelho do Valle

Feira Popular de Portimão

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

ro, onde obteve um sucesso invulgar, fará, na Feira Popular de Portimão, a sua despedida a Portugal inteiro, pois deve partir para o estrangeiro nos últimos dias de Julho, onde vai cumprir contractos importantes e que dão bem uma ideia de quanto é apreciada, além fronteiras, esta simpática artista.

Para as noites da sua exibição naquela cidade barlaventina, prepararam-se grandes surpresas, e a Comissão, no propósito de evitar os aborrecimentos e dissabores provocados pelas aglomerações da última hora, agradece que as marcações de mesas sejam feitas com a possível antecedência, pelo telefone 82.

Martinho Rita Bexiga

CAMIONETAS DE ALUGUER

Telef. 244 ♦ OLHÃO

Agradece qualquer consulta sob fretes, ao que pode atender a qualquer hora do dia ou da noite.

O Teatro e o Povo

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

por ideias em que há desejo de perfeição, tem todas as tendências para um benéfico engrandecimento (mercê das influências do bom teatro), no outro caso está sujeita a uma depressão, de maus e acentuados prenúncios, pois a outra coisa não pode conduzir o teatro reles e dissolvente.

O bom teatro forma almas e abre os corações para as grandes e nobres iniciativas; o outro, corrompe o carácter e não deixa que vinguem as ideias de abnegação e de solidariedade. Aquele, fala ao sentimento; este, dirige-se aos instintos. Num, há arte; no outro, baixeza.

O facto de haver quem alegue que o teatro sério nem sempre constitui uma diversão, por se ocupar de assuntos que preenchem, permanentemente, o cartaz da vida real, e que o Povo precisa de espectáculos onde haja alegria, para esquecer todas as agruras, não é razão para supor que aquela alegria que o teatro baixo oferece ao público seja a melhor, a mais sã, a mais conveniente. Muitas vezes, atrás dessa alegria ruidosa e fictícia não existe senão miséria — e miséria pior que todas, pois é miséria moral. As falsas roupagens que ostentam são um disfarce da Mentira, sempre aliciante e perversa, como sedutora e traçojeira.

No bom teatro, há muita tragédia, é certo — mas tragédia palpante de Verdade. A par disso, há também outros géneros em que a Arte se manifesta exuberantemente, fornecendo muitos momentos de prazer espiritual. E o efeito que um espectáculo desta natureza produz nos espíritos conturbados é uma perfeita calma, propicia a um renascimento de energias, ao passo que a alegria estardalhaçada bastas vezes se compara, em suas consequências, a uma forte embriaguez, que, passada a crise, deixa as pessoas numa apatia degenerescente, numa prostração esterilizante.

Desta forma, e encarada a responsabilidade que ao Teatro cabe na educação do Povo, bem ficaria aos seus orientadores o imprimirem-lhe um rumo norteante e uma finalidade educativa. E assim corresponderia melhor à sua dupla missão — artística e social.

Rul de Ghelb

Está triste?
A vida corre-lhe mal?

LIXA

«CARA ALEGRE»

Revista de BOM HUMOR

PUBLICA-SE NOS DIAS 4 E 15 DE CADA MÊS

Apenas por 4\$00, obterá boa disposição por 15 dias.

Se V. Ex.ª visitar em PORTIMÃO

o Salão de Chá e Pastelaria

SALOMÉ

a mais luxuosa e confortável do Algarve, terá a certeza de poder adquirir, além do mais fino doce de pastelaria, o melhor, o mais artístico e o mais regional doce do Algarve

R. Dr. José J. Nunes, n.º 4-A, 6 e 8

Telef. 85 PORTIMÃO

A CAMINHO DE SAGRES

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

À noite, ao deitar-me, benzi-me e rezei, mas com o pensamento em meu pai e minha mãe.

Meu pai, longe de nós, caminhando corajosamente sobre o dorso do Oceano; minha mãe, trabalhando no arranjo doméstico e rezando de manhã e à noite — ao levantar-se e ao deitar-se.

Com ela aprendi a conhecer inúmeras orações e a vida de todos os santos.

Um dos santos, porém, que mais prendeu a minha curiosidade e simpatia, foi S. Pedro.

Pescador e crente, precisamente as minhas tendências, que flutuavam ao sabor da imaginação ardente!

É talvez por essa minha fé primitiva que a figura de S. Pedro revive nos devaneios literários do meu cérebro, nas horas amargas ou doces do meu ser profano e sereno...

A religiosidade de minha mãe ficou espalhada pelo espírito de minhas irmãs e pelo meu. Elas viveram, inalteravelmente, presas a essa chama oculta, mas sem fanatismo; eu libertei-me da moral religiosa e aproximei-me da moral filosófica, largo campo em que a matéria e o espírito se afastam dos conflitos pessoais e das penalidades do Inferno!

Minha saudosa mãe faleceu aos noventa anos, com lucidez e serenidade, conservando nos olhos o fulgor da mocidade, nos lábios o sorriso da tolerância e no coração o amor a toda a Humanidade.

Eu fiquei-lhe devendo esta oculta coragem que me acompanhará até ao último sopro de vida e a duradoura e florida gratidão por S. Pedro, o pescador que viveu a sofrer e a sonhar...

Antes de minha mãe falecer, consagrei-lhe este soneto piedoso:

MINHA MÃE

Pobre velhinhal Vai no seu rosário
Resando padre-nossos de esperança...
Aqueles magros dedos de criança
Desfiam, maquinais, o itinerário.

Criança duas vezes no fadário!
É de três gumes a infinita lança:
Orgulho, Exaltação, Desconfiança,
A íntima dor do negro breviário...

O espírito rebelde sulca os mares,
Sem bússula e sem norte; a cerração
Encobre a limpidez dos seus olhares...

Reza baixinho, Mãe, com devoção,
E vai passando as contas e os pesares
Até chegar à última oração!

* * *

A minha peregrinação durou dois meses — do princípio de Julho ao fim de Agosto de 1884. São setenta anos certos, setenta anos em que o meu corpo, os meus nervos, a minha memória e o meu coração passaram desgostos, alegrias, venturas e desilusões...

Os poucos amigos que me restam, esperam, como eu, a hora final; mas raros terão o meu sangue frio para encarar a morte de frente. Desembarquei em S. Martinho, com saudades do mar, dos tripulantes, do caique e do seu mestre — o tio Joaquim Derreado.

O meu tio recebeu-me

bem. Encaminhou logo a minha infância para o estudo. O padre Francisco Bernardo de Moraes começou a ensinar-me rudimentos de português, francês e latim.

Eu devorava tudo. O reverendo prior mostrava-se um bom gastrónomo — ele e a sua ama.

Quase sempre, por volta do almoço, eu estava ainda sujeito ao latim que ele me fazia mastigar...

A ama, porém, atenuava o meu estudo, dizendo-me, uma ou outra vez:

— «Chico, venha para a mesa comer um naco de lombo de porco, assado no espeto.»

O cheiro agradável da carne de porco dilatava-me as narinas e estimulava-me o apetite. Não sabia resistir-lhe. A princípio, com vergonha; depois, com desenvoltura; o padre gostava de mim por lhe levar as lições sabidas.

Contudo, o lombo assado no espeto era o meu melhor incentivo para saber as lições...

Em África, mais tarde, tive um cosinheiro que me assava lombo de porco e patos pequenos no espeto, com uma competência de Vatel preto... Bebia dois ou três copinhos do verde de Amarante e comia-lhe em cima um ananaz cortado em fatias e barrado de açúcar pilé, que era mesmo de agradecer a Deus e de lembrar-me do meu saudoso padre-mestre e da sua anafada ama...

Como tudo isto a minha memória retém com a maior fidelidade!

Três anos vivi em S. Martinho e assisti a várias discussões entre o meu tio e sua esposa. O pomo da discórdia era eu, pois ela pretendia levar para casa um ou dois sobrinhos seus.

Minha irmã mais velha e o marido apareceram um dia em S. Martinho. Iam visitar-me. Perguntaram-me se tinha saudades do Algarve e da família.

— «Muitas!» — respondi logo, entre lágrimas que me afloraram aos olhos.

Regressei com eles a Olhão e preparei-me para — contra minha vontade — continuar a vida comercial.

E nessa vida, torturante e mal compreendida, gastei sessenta e cinco anos completos, sem quebra de dignidade e sem faltar aos meus deveres, nem abdicar dos meus direitos.

A visão de S. Pedro, com o seu poético misticismo, tornou a pairar nas grutas toscas da Praia da Rocha, onde eu consumi os restos da mocidade à pesca de camarões barbados...

Marcos Algarve

Errata: Na primeira narrativa da minha viagem por mar, veio esta passagem: saíra na véspera, por ser uma sexta-feira; quando eu escrevi: não saíra na véspera, por ser uma sexta-feira. A falta do não colocou o meu pensamento de pernas para o ar, o que poderia, na hora final, levantar dificuldades à minha entrada no Céu...

M. A.

Visado pela Comissão de Censura

Sociedade Industrial de Vassouras SIV, Lda., Sucl.

Fábrica de Vassouras de Piassaba e Palma — Escovas de Piassaba — Escovaria fina — Pincelaria fina, etc.

Teleg. SIV — S. JOÃO DA MADEIRA (Portugal) — Telef. 38